

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THALLISON DE SOUZA NOBRE

“O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”: CONSIDERAÇÕES
PSICANALÍTICAS SOBRE A PERDA AMOROSA EM O PEQUENO PRÍNCIPE

Juazeiro do Norte – CE
2018

THALLISON DE SOUZA NOBRE

“O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”: CONSIDERAÇÕES
PSICANALÍTICAS SOBRE A PERDA AMOROSA EM O PEQUENO PRÍNCIPE

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo apresentado à Córdenacão do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento as exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

“O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS”: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A PERDA AMOROSA EM O PEQUENO PRÍNCIPE

Thallison de Souza Nobre¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo explorar o expoente da dor e do amor no livro *O Pequeno Príncipe*; de modo que se apresenta enquanto um estudo de base bibliográfica de ordem exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa, desenvolvido diante de uma análise literária e análise de discurso de cunho psicanalítico. Nesse aspecto o texto transita por obras de Freud e Lacan, bem como outros livros e trabalhos acadêmicos disponibilizados em plataformas online como forma de elucidar os pilares da temática abordada. Assim, é válido ponderar que o corpo do artigo se divide em três trechos: um primeiro que visa a fantasia e o desejo na escrita do amor; um segundo que aborda a dor na perda amorosa; e um terceiro que adentra o livro estudado em uma discussão sobre o amor. Nesse prisma, a dimensão amorosa é abordada enquanto laço no qual o objeto invisível de amor e o sujeito atravessado pela linguagem produzem ressonâncias enigmáticas que recendem o pulsar do afeto e da dor, propagando as linhas do presente estudo.

Palavras chave: Psicanálise; amor; perda amorosa; literatura.

ABSTRACT

The present work aims to explore the exponent of pain and love in the book *The Little Prince*; so that presents itself as a study of bibliographical database of order an exploratory, descriptive, with a qualitative approach, developed in the face of a literary analysis and discourse analysis of psychoanalytical imprint. In this aspect the text moves through works of Freud and Lacan, as well as other books and academic papers available in online platforms as a way to elucidate the pillars of the theme addressed. Thus, it is worth considering that the body of the article is divided into three sections: one that seeks to fantasy and the desire in writing of love; a second that addresses pain in loving loss; and a third that enters the book studied in a discussion about love. In this light, the loving dimension is addressed while loop in which the invisible object of love and the subject crossed by the enigmatic language produce resonances that recendem the pulse of affection and pain, spreading the lines of this study.

Keywords: Psychoanalysis. Love. Love loss. Literature.

INTRODUÇÃO

O amor é algo que move. Diante da contemporaneidade, pode-se visualizar que este afeto ainda caminha e dispara diferentes modos de expressão sintomática e movimenta também diferentes modos de atuar na vida cotidiana. Emerge enquanto

¹Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: thallisonnobre@gmail.com.

²Professor Orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: raul@leaosampaio.edu.br.

fenômeno humano no seio social, de modo bastante contundente na arte, nos processos psíquicos, na literatura, e nas relações. O amor é berço não apenas para o romantismo difundido no atravessar da Modernidade, mas também no adoecimento, no latejar de dores.

E nesse latejo contemporâneo a literatura tenta escrever as linhas desses processos. Sabendo que algumas obras cumprem um papel de depósito de ideais que são expressos nos discursos amorosos e nessa experiência, o livro “O pequeno príncipe” de Saint Exupéry em sua trama fácil e fantástica, é afiançada a muitos discursos que abordam as relações e posições frente aos afetos.

A relação íntima entre a literatura, arte e psicanálise encontra-se como válvula motivadora do presente trabalho, que se propõe a refletir e analisar o best-seller citado anteriormente a partir de uma perspectiva psicanalítica no que corresponde a perda amorosa; fazendo elucidar o discurso analítico sobre esse fator que se encontra para além dos livros, telas e imagens; que se encontra no tecido social.

A perspectiva teórica proposta possibilita a comunicação indireta com o que se estende fora das páginas do livro, de modo que tal recorte pode vir a contribuir na discussão comparativa das relações vivenciadas no laço social, fazendo edificar outra possibilidade: o investimento nessa contribuição calçada na psicanálise.

A partir deste tocante, pode-se considerar que o texto fará uma análise tendo como base o afeto amoroso na conjuntura em que há o distanciamento do protagonista do objeto-ser amado. Para tanto, será preciso esclarecer em um primeiro ponto a fantasia e em um segundo ponto ressaltar a visão da psicanálise sobre a perda e o amor. Tais aspectos fomentam um terceiro ponto, que é de fato a introdução da obra sobre a temática abordada, fazendo então encontro com o objetivo de fornecer elementos de análise sobre a perda amorosa a partir de uma literatura amplamente romantizada na contemporaneidade.

Contudo, tem-se como principal objetivo ampliar a discussão e o conhecimento acerca da dor na perda amorosa. Para tanto, há ainda dois outros objetivos: explorar uma revisão literária que promova a investigação, tendo como base o fomento teórico psicanalítico; e aprofundar uma perspectiva analítica do enredo da obra.

Desse modo é válido inferir a importância de ampliar essa discussão no meio acadêmico da graduação em psicologia, podendo estabelecer o fortalecimento do aporte psicanalítico nesse percurso de formação. Tal importância ainda se figura na proposta criativa de estudar acerca da perda amorosa a partir de uma obra

mundialmente conhecida.

MÉTODO

Enquanto procedimento metodológico, tem-se a pesquisa bibliográfica como base para a propagação do presente estudo, de modo que este se direciona em uma ordem exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa. A natureza exploratória corresponde então com a busca por maior entendimento sobre a temática, e a natureza descritiva corresponde aos aspectos referentes a análise e seleção.

Sabida a necessidade de se pontuar nessa seção questões possíveis no processo de feitura do texto, considerou-se a análise literária como contribuinte para maior entendimento do livro abordado. Em contraste a isso, tem-se a análise de discurso de cunho psicanalítico como fonte interpretativa das falas e passagens remontadas no corpo deste artigo (em seu terceiro período, especificamente).

Acerca desses parâmetros relatados, pode-se aferir que a análise de discurso opera como metamodelo; o que pode ser compreendido como o uso combinatório de ao menos três modelos de análise de linguagem proposto por Lacan: o modelo de combinatória significativa, vinculado a articulação metafórica e metonímica da função do desejo; o modelo da teoria dos quatro discursos confluyente com a função do gozo no laço social; e o modelo topológico dos nós, correspondente com as articulações de sentido, significação e contrassentido nos três registros (GASPARD et al., 2010).

Por fim, foram usados para a aquisição de materiais que fornecessem subsídios para abordar a referida temática, tais como periódicos, dissertações e teses disponíveis nos bancos de dados do Scielo, revistas acadêmicas, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Repositório Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Biblioteca Digital de Trabalhos Acadêmicos da Universidade de São Paulo (USP). Esses materiais foram colhidos no segundo semestre de 2018, sendo então buscados a partir das palavras-chave: psicanálise; amor; desejo; e perda, e selecionados a partir da proximidade com a temática abordada nesse artigo. Ainda, há de se considerar também a presença de livros como fontes referenciais utilizados no escopo do presente trabalho.

Em suma, entende-se que a “semiologia psicanalítica é reiteradamente

dependente da narrativa literária” (Dunker, 2017, p. 194), o que conflui para o modo como o presente artigo se encontra estruturado e as (des)amarrasções nele feitas e reitera as questões a respeito da relevância do presente estudo.

A FANTASIA E O DESEJO NA ESCRITA DO AMOR

“o amor é verdadeiro, o amor é não-real”. Dicionário Enciclopédico De Psicanálise - O legado de Freud e Lacan

O amor é algo a qual a escrita se volta vez ou outra para colher algumas (in)compreensões no modo como as relações são vividas e como lateja uma imagem. Me refiro particularmente a escrita literária a qual este trabalho se relaciona e dialoga, que fomenta as mil e uma possibilidades de conteúdo para uma história amorosa e retoma ainda princípios basilares do que se pode comentar sobre a fantasia³ e o desejo.

Para que em um primeiro momento se construa uma reflexão possível a respeito da fantasia, pode-se propor uma explicação respaldada pela base de duas das estruturas abordadas pela psicanálise: neurose e perversão. O solo ao qual essas bases estruturais pisam, possibilita assumir que contornam uma falta fundante e diante da perda de um objeto, uma perda essencialmente amorosa, organizam uma relação.

A neurose caracterizada a partir de Lacan (1957/58) como uma estrutura ancorada pela questão “quem eu sou?” e que se ampara em uma outra que é “o que esse Outro quer de mim”, denota de nós a verificação das marcas de uma resposta a essas perguntas no modo como esse sujeito (barrado pela linguagem) se situa no mundo. Em contrapartida na perversão ocorre a inscrição de um mais-de-gozar na sua fantasia, que transforma o gozo absoluto em um gozo limitado (gozo fálico). Essa distinção nos remete também ao fim do processo analítico para neurose e para perversão: o acesso ao gozo e o acesso ao amor, respectivamente (MOURA, 2007).

³ **Fantasia** é um conceito reticente na teoria psicanalítica desde Freud, que coopera com a realidade não fatural: a realidade psíquica. No entanto, Lacan seguindo a letra freudiana, propõe a tradução do termo fantasia para o francês: *fantasme* ou *fantaisie* que se difere(m) de *fantôme* termo que é referente a fantasma no sentido literal. Diante dessa questão de tradução, no Brasil há um “erro” e o termo fantasia acabou vingando como fantasma, o que por sua vez enseja uma discriminação entre as formações inconscientes, o que torna oportuno a utilização do termo fantasma na psicanálise brasileira.

Pelas linhas de Marco Coutinho Jorge (2006), a entrada no mundo simbólico promove uma perda de gozo, o que acaba por instaurar fantasia na tentativa de reavivar a referida perda, sendo então caracterizada pela “completude amorosa” considerando os encaixes do vínculo amoroso. Contudo, na perversão que pode ser entendida como “a abolição daquilo que entra com toda a força na intersubjetividade amorosa” (p.34) a diferenciação incide no viés de que a completude é de gozo.

Abordando um segundo momento, ainda pelas linhas do autor, entende-se que o desejo enuncia uma falta, permitindo-nos comentar que o este é acessado pelo sujeito neurótico a partir de uma aproximação do pulsional e pelo perverso a partir da aproximação do amor. Isso, fortifica a ideia de que há perda de amor e gozo nesse acesso, onde “a dimensão da falta de amor e da falta do gozo” (p.34) permeiam o sujeito.

Se pode então associar que a experiência de vínculo amoroso ordenada nas relações adultas, apesar de carregar divergências quanto a mecanismos estruturantes aproxima-se inevitavelmente pela falta. Tal falta amalgamada pelo “sentir falta” se posiciona como contribuinte para a fantasia que não é senão fazer o ausente presente e a “sua função é regular a intensidade da força do desejo” (NASIO, 1997, p. 40).

Nisso, a fantasia funciona como um modo de proteção da bagunça pulsional a qual se evoca o amor e da qual o desejo se trata. Esse funcionamento salienta que quem amamos passa a morar dentro de nós, saindo de uma esfera exterior para tornar-se um objeto fantasiado no interior de alguém. Enquanto objeto fantasiado, quem é amado induz o recentramento do desejo a uma insatisfação que figura em uma ordem de representação de uma falta e o posiciona fundamentalmente como aquele que está sempre insatisfazendo o sujeito que o ama (NASIO, 1996).

Partilhando da compreensão do grafo do desejo, temos que o desenho do amor é impreterível ao desejo que flutua no além do Outro; é em nós uma viagem no plano imaginário de um retorno inconsciente. Há no sujeito o acesso do desejo a partir de uma imagem do outro que se massifica diante da relação com o objeto a qual se supõe amor; essa possibilidade veicula a incidência da relação imaginaria no pulsar da vida e a deterioração de uma imagem de si a partir disso, o que remete inevitável a ideia de que o objeto é a causa do desejo.

Esse objeto (objeto a) enquanto causa, distancia-se do enlaçamento da fantasia na qual a metonímia onde reside o objeto até então alvo longínquo do desejo, onde se localiza o ‘falta-a-ser’ que gira no mesmo lugar. Em linhas gerais, Lacan

sugere mudança e aborda o deslocamento do que é vivido como ilusão para o que se encontra no nível de causa do desejo (ROMERO, 2017).

Em se tratando de um contexto de relacional, pode-se ponderar a figura do ser amado se desenha como suporte a uma conjunção de imagens advindas da pessoa que ama; é o estofa para a excitação do desejo em uma constelação de focos. No correr dessa fantasia que elucida a imagem de alguém em nós, o modo como essa posição é assumida caminha difusa para três possibilidades correlatas as três dimensões lacanianas: o real, o simbólico e o imaginário.

Essas três dimensões, em laço, pressupõem uma possível realidade a qual experimentamos nossas relações. O imaginário enquanto aquilo que se organiza por uma imagem, o simbólico enquanto aquilo que se engendra a partir de uma linguagem e o real como um valor bruto de uma ordem, se desenharam em um nó borromeano (GUERRA, 2012).

Na geometria do cruzamento dos três registros citados anteriormente, há um meio representante de uma falta: um furo. Ao passo que essa falta se oficializa - torna-se objeto a - tomando para si um caminho de causa na qual a solução abordada por Lacan subverte a problemática tradicional na correlação entre causa e linguagem, explicitando a causa como um resto inassimilável pela linguagem.

Essa concatenação inenarrável, relacionável ao não-todo do sujeito dividido [incompletamente inserido na linguagem], pode ser pincelada a partir do enganchamento do sujeito em uma relação amorosa (COSTA-MOURA, 2006). A relação denota a (im)potência frente ao outro alguém, fazendo vias combinatórias que se alicerçam na preposição da realidade.

No embarque dessas concepções o amor se apresenta como um produto de uma fantasia ao qual vestimos o Outro de potência simbólica e agregamos sentido a partir da falta que germina as operações inconscientes, fundamentando nesse sentindo um desenrolar de gozo nos afetos e a possibilidade de frutificar amor na relação entre dois, ou mais.

O fruto que emerge da relação e/ou da imagem de um ser ao qual enlaçamos nossos afetos e ações, aparece repetidamente nas linhas das histórias de amor contadas em livros e vozes, dentre outros campos (artísticos ou não). A respeito dessa aparição do amor na literatura, remetemo-nos ao nexa entre esta e a psicanálise; pensando a partir dessa vinculação histórica que se desassocia um pouco da base científica aplicada e conflui ao campo estético.

No revés da construção das histórias literárias há sempre algo de intrínseco psicologicamente associado ao sujeito que escreve e aquele que lê. Nas obras literárias o “o verbo se faz corpo” (MENESES, 1995, p.27) e as palavras casadas ao papel organizam-se a expressar um artifício fictício de realidade fantasiada na superfície de um vínculo amoroso.

Logo, há de se colocar o aspecto inconsciente que move o autor a escrever uma história de amor; essa consideração pode ser conduzida por uma via régia: a sublimação. Este termo não estaria vinculado ao narcisismo primário, mas o secundário; portando não se aproximaria do eu ideal, mas do ideal de eu, fazendo-nos entender esse processo de escrita enquanto uma inscrição do psiquismo no campo cultural (BIRMAN, 2008).

A partir da sublimação, um sujeito escreve sua história no tecido social e pode escrever uma história outra como via de acesso a fantasia. Pensemos a obra literária como um produto artístico que possui valor criativo, e a tomemos enquanto “representações simbólicas dos verdadeiros desejos do homem” (FREUD, 1917-1919/1969, p. 26).

Desse modo a fantasia pode ser entendida como algo que saiu do status de “fachada psíquica” para denotar a realização de desejo, encontrando-se uma autonomia comunicativa que transita entre as diferentes instâncias psíquicas e podendo revelar o sujeito em relação ao seu desejo (PORTILHO, 2011, p. 138).

SOBRE O AMAR E PERDER: DOR

“Mas, pensar na pessoa que se ama, é como querer ficar à beira d’água, esperando que o riacho, alguma hora, pousoso, esbarre de correr.” João Guimarães Rosa

Em Projeto para uma psicologia científica (1895/1990), Freud situa a dor enquanto uma excitação que adentra a esfera do psíquico, ponderando que há nesse êxtase de tensão um valor de afeto que a diferencia, portanto da questão do desprazer. A qualidade de afeto que a dor possui, expressa uma possibilidade de implosão assim como que uma extensão para além dos limites do corpo.

No transgredir do limiar do corpo, pode-se ainda aferir a dor uma relação com o gozo, que estaria por sua vez relacionado a perspectiva do “para além” do

desprazer. No que corresponde a dor experimentada na relação amorosa, sabe-se através de Lacan que para que haja uma relação tem que haver sintoma, e ainda a não existência de uma equivalência entre os sexos; ele considera que a representação do que se sente na relação ultrapassa ainda a esfera da dor para chegar em uma devastação (LACAN, 2007 [1975 - 1976]).

Entendendo a partir de Miller (1998, p. 102) que “o sujeito mais o corpo, é o sujeito mais a substância gozante [sendo então um falasser]” é possível aferir a perspectiva de que o corpo vivo, sexuado e dotado de gozo expressa que o Outro passa a ser um meio de gozo ao se tornar sintoma. Desse modo, “aquilo que dá suplência à relação sexual é precisamente o amor” e na relação entre dois à qual se pressupõe o amor há uma efemeridade de efeitos (Lacan, 1972-1973/1985, p. 44).

Por conseguinte, o amor pode ser entendido como uma dimensão que conflui para um valor de conceito, no qual este se figura através de Freud como uma saída do desamparo, da dependência. Essa saída não se dá sem o âmago sexual, já que “no termo 'amor' combinamos todos os diversos componentes da pulsão sexual” (FREUD, [1906/07] /1996 p.82).

Tendo razões que a própria razão desconhece, fomenta mais e ainda aquele que fora da linguagem tem de assujeitar o ser falante e soltar a língua em outros campos, em outros corpos: no fora de si. E nesse desabotoar de um para um outro, de algum modo o amor

“se apresenta como reson , re-som, ressonância, e eco fora do corpo daquilo que d'alíngua não se encadeou nas leis da linguagem, mas pode se explorar nas dobras do corpo, Outro, corpo que simboliza o Outro, corpo enquanto sítio da heteridade, nos vestígios enigmáticos de suas trilhas sonoras e outros afetos” (FINGERMANN, 2015, p. 103).

Assumindo nesse aspecto um encadeamento que não se traduz apenas no dentro (de si). O fora, o Outro, o corpo, se (des)organizam reiterando a importância da estruturação da sexualidade na infância, e o que dela faz regurgitar nas relações adultas; arquitetando-se como liga impossível de um a outro: com(um) de dois.

“O amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois” (p. 22). Platão nessa passagem de O Banquete expressa, versando sobre o(s) sexo(s) e as relações amorosas, um corpus ao qual o amor é uma liga que visa a cura do impossível: a natureza humana.

Sendo liga, o amor atravessa todos os discursos e corpos. Sabendo que esses corpos e discursos se figuram também relacionados a experiência edipiana, pode-se introduzir uma compreensão de como a função materna possui forte ligação com “ser amado por alguém”, ao passo que o acolhimento e a inserção na linguagem são substancialmente estruturantes para o aparelho psíquico (KUSS, 2014).

Nessa sementeira do humano enquanto um ser psíquico, podemos remetermos a origem da psicanálise, situada no campo de surgimento do Romantismo e do contraponto iluminista. Na querela entre o ideal romântico que visava retomar algo perdido ligado ao natural do humano e a perspectiva iluminista de sociedade igualitária, a psicanálise nasce a dar eco ao grito de instabilidade humana e racionalidade; e nesse sentido orientada pela particularidade do que está além do conteúdo manifesto.

Na psicanálise freudiana, o Eros é assumido como uma via para compressão do homem. Este é o personagem a qual Hesíodo (700 a.C./1995) em sua poesia posiciona como entidade de harmonia em meio ao caos cósmico; e em outra perspectiva coloca-o como um “desejo de acasalamento que avassala todos os seres” (p. 42) e ainda Eros é definido como “a potência que preside a união amorosa, Kháos é a potência que preside à separação, ao fender-se dividindo-se em dois” (p. 35).

Dentro dessa perspectiva freudiana, debruçasse-se um signo narcísico sobre o amor onde os obstáculos reais surgidos no correr de uma satisfação cooperam para que o ideal sexual seja utilizado como substituto, de modo a negitar a necessidade de algo que incompleto: “será amado aquilo que possui qualidade de falta” (FREUD, 1912/2004, p. 118).

Acerca disso, Freud (1914-1916/2010, p.29) considera “é preciso começar a amar, para não adoecer”. O sujeito, para amar, perpassa o viés narcísico de modo a não se afogar em si, expande-se para o mundo como uma necessidade de sobrevivência. O produto dos processos sublimatórios fomenta a importância disto para existência de um possível equilíbrio psíquico; garantindo assim um desenho de novos arranjos pulsionais.

Ainda a palavra amor flui para um avizinhamo da relação de prazer existente entre o Eu e o objeto, podendo então ser fixada em uma ordem mais concreta no que tange aos objetos sexuais estritamente, assim como nos objetos que satisfazem necessidades e pulsões inconscientes. Sabido que no amor enquanto afeto e efeito, dada as fontes de prazer-desprazer, há de se considerar que Freud em Introdução ao

Narcisismo (1914-1916/2010) escreve - ainda provisoriamente - esse amor como possuente de uma essência inegavelmente narcísica atrelada ao Eu, este que potencialmente ama a si mesmo expressando uma indiferença ao mundo. No entanto essa indiferença pelo mundo externo é descontinuada pela oferta de objetos ao quais o Eu passa a introjetar e expelir estímulos, produzindo uma mudança a qual se pode nomear de Eu-de-prazer, que representa a sobreposição do prazer ao desprazer.

Nessa condição relacional de busca (e introjeção) pelo prazer encadeia-se uma “modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado” (FREUD, 1930, p. 89). Visto isso, pode-se considerar isso como uma atitude psíquica que chega em nós na modalidade de amor sexual, orientando-nos a sensação de transbordamento de prazer construída em paralelo a edificação de um modelo na busca da felicidade.

Pegando o gancho desses aspectos abordados, a produção de angustia se configura a partir então da ruptura. O rompimento, ou a possibilidade de romper-se, com um objeto a qual se investiu libido promove o precipício de um sofrer, o que possibilita abordar que a produção de amor se relaciona também com a produção de um sofrer e/apesar do gozo. Confluyente à separação, que fragmenta o sujeito na relação amorosa, existe um viés de retorno ao traumático da infância em que se perde a mãe (como um objeto primeiro no viver psíquico). Retomar isso, é também averiguar uma questão crucial sobre o amor: a dor; importante para que exista um sujeito no humano (FREUD, 1926/1996).

Quanto a isso, o paradoxo do amor se ergue incontornável a se situar como o insuperável de nossos sofrimentos: “quanto mais se ama, mas se sofre” (p. 27). Nesse sofrer, pode-se organizar uma distinção conceitual entre a angústia e a dor psíquica no qual Freud vai considerar o primeiro termo como uma reação a ameaça de uma perda e o segundo como um efeito da efetivação de uma perda (NASIO, 1997).

A perda (amorosa) evoca do Eu uma dor do trauma, uma defesa contra o transtorno pulsional ocasionado a partir da perda do objeto amado, fluindo para a representação psíquica deste. Esta representação ecoa no modo como o sujeito se movimenta a partir da perda; o desinvestimento libidinal nas variadas representações e o superinvestimento em uma representação única do amado e perdido (ibidem)

Há então a destituição do Eu no espaço do momento de uma perda, ao passo que existe uma identificação com seu objeto de amor que foi perdido; o que nos remete a discussão entre o luto – um trabalho psíquico reticente – e a melancolia –

um abalamento diferente, no qual a diferenciação consiste então no fator autoestima (existente apenas no segundo). Na linha tênue desses dois conceitos trazidos por Freud em *Luto e Melancolia* (1917), a identificação narcísica abordada através do sujeito neurótico, apresenta-se então com um modo substitutiva do investimento amoroso.

Em suma, verifica-se que o Eu fica à mercê de uma representação do objeto perdido experienciando um contato com o sofrimento engendrado em uma lógica narcísica. Em tal lógica a substituição citada anteriormente, endereça o processo de perda amorosa em uma regressão da escolha objetal para narcisismo originário. O amor move então um contato com uma formação antiga no psiquismo, e o corpus deste passado promove efeito no viver de uma perda amorosa no depois.

O QUÊ DE AMOR EM O PEQUENO PRÍNCIPE

“O essencial é invisível aos olhos”. Antoine de Saint-Exupéry

O *best-seller* *O Pequeno Príncipe* escrito pelo escritor francês conhecido como Antoine de Saint-Exupéry aborda em seu enredo a história de um piloto que, após uma pane em seu avião no deserto do Saara, encontrou um garoto ao qual chamou de pequeno príncipe. Em meio a diferentes diálogos, atingindo aspectos sobre o amor e as relações afetivas, a história enseja uma proximidade do leitor com diferentes afetos, ao passo que cada personagem e construções linguísticas remetem a sentimentos e humores estruturados nas interações sociais.

Diante das pegadas possíveis do amor em uma obra literária, pode-se engendrar compreensões frente a história contada em suas páginas e as marcações relacionais dos personagens. Assim, cabe-nos no presente trabalho abordar as marcas do amor na obra, bem como ressaltar emblemas do não-todo da experiência de afeto amoroso.

Em um primeiro momento, é válido refletir sobre as possibilidades de pensar o personagem-protagonista da história enquanto um sujeito neurótico a qual a fantasia de todo o correr da obra se alicerça. Na vereda desse conceber o sujeito, é sabido a partir de Lacan (1960) que situá-lo enquanto tal é assumir o tropeço do discurso e as acepções a partir da linguística na ordem significante; é entender também os furos no sentido, a articulação do desejo; não sendo o sujeito a causa de si, mas causado no

encontro com o objeto a e não sendo algo ou alguém, mas sim uma função em estado de latência (CABAS, 2010).

Contudo, tal suposição acerca da estrutura do personagem assume a percepção abordada por Dunker (2014) de que a estrutura na pesquisa das neuroses se associa também a falha do conceito, lançando mão da estrutura narrativa a partir de Aristóteles que assume ao termo um aspecto não de instrumentalização de regras que concebem uma identidade, mas de aproximação da conexão entre partes que formam uma unidade.

Nesse viés aristotélico a unidade não representa vínculo com forma e matéria, mas é pertinente entre a ação e a mimese da realidade pelo sujeito, denotando à unidade um caráter finito onde o “inteiro é o que tem começo, meio e fim” (Aristóteles, 2004, p. 239). Assim, a partir desse esboço sobre o sujeito e a possibilidade de dizelo estruturalmente, é interessante pensar no modo como a história é contada: o personagem protagonista é narrado através de outro - sua história e quem ele é se desenha segundo o olhar deste outro.

O príncipe tem um enlaço amoroso e se vê obrigado a distanciar-se do objeto ao qual endereça o seu amor: a rosa. No rabisco do que se percebe primeiramente no início do livro, é que a falta de satisfação da representação em imagem do carneiro se relaciona a figura amada. É possível vislumbrar isso, a partir de:

Não acredito! As flores são fracas. Ingênuas. Defendem-se como podem. Elas se julgam terríveis com os seus espinhos [...] há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 16).

Esse momento da história traduz o sentimento inconformado do personagem ao refletir sobre a ameaça ao objeto amado. Contando sobre tal objeto, concebe a ele uma fragilidade, algo que não o torna inteiro totalmente; pode-se a partir disso pensar nessa fala como uma possibilidade metafórica para o âmago do amor ou no ato de amar: a falta.

A falta é abordada como algo que retoma a conflitos antigos edipianos e se reitera no cotidiano pelo amor, este que seria uma tentativa de preencher o espaço vazio da gênese do sujeito com um outro. Nesse sentido a pessoa amada torna-se única no mundo, sendo então no percurso laciano um produto fantasiado, uma figura fantasmagórica de dois querendo ser um; refirmando a ideia de que o amado

completa, e reavivando a consideração de que todo fantasma neurótico é um fantasma de completude amorosa (JORGE, 2010).

De outro ponto de vista, podemos aferir que há expressa na obra alguma circuncisão nessa imagem de unitariedade e de todo na relação entre os personagens já citados. Se pode observar por exemplo o sentimento gerado no príncipe após perceber a mentira da rosa: “Assim o príncipezinho, apesar da boa vontade do seu amor, logo duvidara dela. Tomara a sério palavras sem importância, e se tornara infeliz” (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 21).

E posterior a isso é verificado as saídas encontradas pelo personagem para a angustia sentida e como se elaborou o momento de distanciamento da rosa

Não a devia ter escutado - confessou-me um dia - não se deve nunca escutar as flores. Basta olhá-las, aspirar o perfume. A minha embalsamava o planeta, mas eu não me contentava com isso. A tal história das garras, que tanto me agastara, me devia ter enternecido... Confessou-me ainda:
Não soube compreender coisa alguma! Devia tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras. Ela me perfumava, me iluminava... Não devia jamais ter fugido. Devia ter-lhe adivinhado a ternura sob os seus pobres ardis. São tão contraditórias as flores! Mas eu era jovem demais para saber amar (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 21).

Visto isso, apesar da voz ecoar o bem-estar que o amor promove, amar é mal-estar; isto é, não há como estar de plenamente “bem” no amor (FLANZER, 2004). Esse mal-estar do amor é veiculado através da descoberta pelo Pequeno Príncipe de que existem muitas outras rosas iguais a “sua rosa” (até então no livro vista como uma flor diferente das demais para o protagonista):

E ele sentiu-se extremamente infeliz. Sua flor lhe havia contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E eis que havia cinco mil, iguaizinhas, num só jardim! [...] Eu me julgava rico de uma flor sem igual, e é apenas uma rosa comum que eu possuo. Uma rosa e três vulcões que me dão pelo joelho, um dos quais extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito grande... (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 47).

Nessa passagem do livro é possível refletir acerca de como essa relação príncipe-rosa aborda a melancolia sentida na relação amorosa e como o eu se (con)funde com o amado em tal forma a se destituir junto a imagem fantasiada deste último. Essa situação melancólica a qual o protagonista se situa nos remete a Freud (1917) ao considerar que o melancólico como um sujeito perdido no laço social, que

procura através da linguagem se reinventar, expressa então na obra pelo percurso do protagonista no qual visitou sete planetas diferentes, se comunicando com personagens de humores e personalidades diferentes.

Os humores ou “potências da alma” como define Galeno, são abordados ao longo do livro dando força para perceber o desenvolvimento do protagonista em meio a diferentes frustrações, diálogos e experiências. Um dos momentos dialógicos mais significantes do enredo, é o encontro e conversa do príncipe e a raposa, no qual variadas questões são abordadas.

Nesse sentido, são ressaltadas três temáticas as quais podemos refletir: cativar; fantasia neurótica; e linguagem

- Não, disse o príncipezinho. Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?
- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços..."
- Criar laços?
- Exatamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 49).

Em primeira análise, cativar é para o minidicionário Aurélio “1. Tornar cativo; capturar. 2. Ganhar a simpatia, a estima de; encantar. P.3. Tornar-se cativo; ficar sujeito. 4. Apaixonar-se.” (FERREIRA, 2000, p. 140). E quando se torna cativo a definição se caracteriza “1. Que não goza de liberdade; encarcerado. 2. Prisioneiro de guerra. 3”. Desse modo, vê-se que há etimologicamente uma proximidade do termo com a paixão humana, o engodo amoroso e o aprisionamento na relação estabelecida. É retomada ainda a instituição de uma imagem de ser único, a qual se investe libido e se necessária frente ao real.

A relatar ao príncipe sobre sua vida na Terra, a raposa reinsere em seu discurso uma questão que é da fantasia neurótica na qual o outro tem um caráter de completar, de cessar a falta:

- Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros. Os outros passos me fazem entrar debaixo da terra (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 50).

E nessa passagem, verifica-se também uma carência da raposa vista em “Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz” (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 51), no entanto é entendido, atravessando a promessa de felicidade no amor, que a carência se encontra para além de um aspecto de vazio e monótono que visa o desejo, ela se estende como um polo organizador do desejo. A insatisfação viva e suportável representada pela carência da personagem, possibilita ao protagonista e também a ela um melhor arranjo em seus contextos (NASIO, 1997).

Nesse ensejo então, aparece na obra pela fala da raposa que “a linguagem é uma fonte de mal-entendidos” (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 50), sendo interessante negritar a importância da linguagem na constituição do sujeito e na erupção amorosa. É através da palavra que a criança, por exemplo, suporta a perda do seio materno e passa para este substituto a responsabilidade de representa-lo diante do Outro; “a linguagem já é em si mesma demanda de amor e presentificação do Outro” (QUEIROZ, 2003, p. 14), a linguagem seria um modo de pedir amor ao Outro.

Lacan (1975a/1998, p. 09) afirma que “é sempre com a ajuda de palavras que o homem pensa. E é no encontro dessas palavras com o seu corpo que alguma coisa se esboça [...]. É aí que se coloca o sentido”, trazendo essa acepção ao contexto, falar de amor é falar de si mesmo frente ao Outro e um meio de produzir sentido. Contudo, toda essa produção a partir da palavra não alicerça em si um caráter total acerca do sujeito posto nos laços afetivos, apontando aí a mensagem de que o amor quando atinge a esfera do sintoma resulta em mal-entendido.

Verbalizando ao príncipe: “Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante [...] Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXUPERY, 2016, p. 54) a raposa expressa a temporalidade no vínculo amoroso e ainda a responsabilidade do amante pela pessoa que ama. No entanto, proponho um novo arranjo de sentido: tu te tornas eternamente responsável pela introjeção e representação daquilo que cativas.

Em novo arranjo, pode-se contemplar a perspectiva trazida por Freud (1914-1916/2010) pela consideração do prazer-desprazer na relação do sujeito com um outro, assim como reavivar a perspectiva de Fingermann (2015) na concepção do amor como ressonância nas dobras do corpo que simboliza o Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do referente artigo reiterou aspectos condizentes ao amor na psicanálise, delimitando-se a estudar a partir de publicações sobre essa dimensão amorosa - que flui para um conceito no campo psicanalítico - na effígie de uma obra literária, encontrando foco na perda amorosa e se desenhando a partir da análise da obra *O Pequeno Príncipe*.

Nesse sentido, o texto caminha primeiramente para entender o fator da fantasia no amor, perpassando questões referentes ao desejo no sujeito inconsciente e confluindo para compreender o aparecimento desses aspectos nas obras literárias, entendendo-as como expressões artísticas vinculadas ao processo de sublimação. E secundamente, é visualizada a dor como produto da perda amorosa, produzindo a partir de como o amor se (des)dobra nas relações, e desemboca no narcisismo, assim como nas associações Freudianas e Lacanianas sobre o sujeito na relação amorosa e nas produções acadêmicas que abordam o amor.

Visto isso, o amor é entendido posteriormente como uma saída para o adoecer, e colocada como precipício emergente na obra literária a qual foi feita análise. As questões sobre o amor e a relação entre o príncipe e a rosa expressas no livro, cooperam para a percepção de frustração na relação amorosa, bem como a ideia impossível de completude e supressão da falta pelo sujeito amado. Além disso, o percurso apresentado ilustra a presença do investimento de libido no pulsar do amor na curva da pessoa amada, fazendo morada no corpo do Outro e ressoando os mal-entendidos da linguagem no amor.

A forma a qual o texto da pesquisa foi traçado buscou assumir uma perspectiva mais desconstruída sobre a temática, aproximando-se a partir disso de um aforismo na expressão linguística a qual as conexões são abordadas e costuradas, com vista a favorecer ao leitor mais questões que respostas e atribuir ao corpus do trabalho um sentido, ainda que sutil, da gênese do amor: o impossível.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2004.

BIRMAN, J. Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, Rio de

Janeiro, vol. 20, n.1, p. 11-26, 2008. 12 nov. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 out. 2018.

CABAS, Antonio Godino. A noção de sujeito na obra de Lacan e na clínica analítica. In: IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental. Curitiba, 2010. Disponível em: http://fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/posteres_iv_congresso/simpósios_iv_congresso/sp04-antonio-godino-cabas.pdf. Acesso em 12 nov. 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Estrutura e personalidade na neurose: da metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 77-96, Apr. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 9 out. 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar na literatura brasileira contemporânea. *Estud. av.*, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 193-209, Dec. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000300193&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 set. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FINGERMANN, Dominique. Amar adentro. *Stylus* (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 30, p. 103-110, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2015000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 set. 2018.

FLANZER, Sandra Niskier. Amor pela metade: incidências sobre a impossibilidade na esfera do amor. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) defendida no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, Sigmund. *Obras completas - Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, Sigmund. (1915) Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XII.

FREUD, S. (1912). Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise. In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 79-93.

FREUD, Sigmund. (1906/1907). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

FREUD, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 20, pp. 107-210). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

FREUD, S. (1919). História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919), Edição Standard Brasileira Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1930) Mal-estar na Civilização. ESB, Imago. Vol. XXI.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia, 1917 [1915]. In: A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GASPARD, Jean-Luc; DUNKER, Christian Ingo Lenz; SILVA JUNIOR, Nelson da; ASSADI, Tatiana Carvalho; DOUCET, Caroline. Psicanálise e Análise de Discurso: elementos para uma investigação clínica futura. A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia, São Paulo, v. 2 n. 2, p. 361-378, 2010.

GUERRA, Andréa M.C. Oficinas em Saúde Mental: costuras entre real, simbólico e imaginário. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 41/42, p.86-100, 2011-2012.

HESÍODO. Teogonia: A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. In. Estudos de Psicanálise, n.29, p.29 – 38. Belo Horizonte: setembro/2006.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KUSS, Ana Suy Sesarino. Amor e desejo: um estudo psicanalítico. 2014. 95f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Defesa: Curitiba, agosto, 2014.

LACAN, Jacques. (1972-1973). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques (1960 – 61) O seminário, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques (1975 - 1976). O seminário, livro 23: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. (V. Ribeiro, Trad.). Em *Escritos*, (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Do Poder da Palavra – ensaios de Literatura e Psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MOURA, Danielle Ferreira Gomes. *A paixão amorosa e a fantasia*. 2007. Dissertação (Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise) - Programa de Pós-graduação em Psicanálise Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MILLER, Jacques-Alain. “O osso de uma análise”. Salvador: EBP- BA, 1998.

NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

PLATÃO. *O banquete*. Os Pensadores. Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1972.

POLI, MC. Construção da fantasia, constituição do fantasma. In: BACKES, C., org. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 43-49. ISBN 978-85-386-0387-0. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/ckhgzg/epub/costa-9788538603870.epub>. Acesso em 25 jun. 2018.

PORTILHO, Juliana Labatut. O desejo do sujeito e a relação com a fantasia e a Criação artística. *Revista Digital AdVerbum*, v. 6, n. 2, p. 137-147, Ago a Dez de 2011.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. Entrando na linguagem. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 12-33, jun. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 out. 2018.

ROMERO, Helena Castello. *Amor e paradoxo: um percurso pelos indícios de Lacan*. 2017. Dissertação (Mestrado em ciências; área de concentração Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto.

SAINT-EXUPERY, Antoine. *O pequeno príncipe*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2016.